

# Metodologia no trabalho científico: importância da coerência no desenvolvimento da pesquisa

Marlene Branca Sóló  
Caroline Dall’Agnol

## **Introdução**

A mídia tem o poder de construir “bandidos”<sup>1</sup>? Tem o poder de condenar e absolver suspeitos de um crime? Esses questionamentos não respondidos aguçaram a vontade de pesquisar o mundo do crime sob a ótica do jornalista. Por se tratar de tema amplo, foi necessário um recorte. Optamos por nos aprofundar nas páginas de um jornal da cidade do Rio de Janeiro. O estudo se concentrou em resgatar um fato amplamente debatido pela mídia na época: o caso do Ônibus 174.

**Voltando no tempo:** *Em 12 de junho de 2000, segunda-feira, um caso policial parou o País. Sandro do Nascimento Barbosa, de 21 anos, subiu em um ônibus da linha 174, rota Gávea-Central, no Rio de Janeiro, e fez dez refêns durante quatro horas. O fato ficou conhecido na mídia como o “Ônibus 174”. Também ficou conhecido devido à desastrosa atuação da polícia, responsável pelas mortes da refém Geisa Firmo Gonçalves, no local do crime, e de Sandro, asfixiado dentro do camburão da corporação. A polícia, o Bope, as pessoas que estavam em volta do ônibus, jornalistas, fotógrafos, cinegrafistas, todos pararam para ver as ações do rapaz, do “bandido, fora de si”. (O Globo, 13 de junho de 2000: 21).*

Recuperamos o caso porque muitos desconhecem a origem do personagem Sandro do Nascimento Barbosa, protagonista da história. Como possibilidade de um provável estudo empírico, optou-se por questionar cinco pessoas em Caxias do Sul, RS. Quais eram as lembranças do fato? Que imagem ficou do rapaz? **Bandido** ou vítima do sistema social? Nas respostas, quatro delas afirmaram que o “bandido” havia matado uma pessoa e todas disseram desconhecer a história de Sandro, o menino sobrevivente da chacina da Candelária de julho de 1993 – em que oito jovens

e crianças de rua foram assassinadas por policiais, na calçada da Igreja da Candelária no Rio de Janeiro, RJ.

As respostas nos instigaram a buscar o porquê das lembranças negativas sobre o fato. Percebemos que todas partiram da visão que a mídia havia transmitido na época e que ainda repercute.

Nessa busca pelo crime sob a ótica dos profissionais da Comunicação, pareceu-nos que a mídia tem ainda grande influência na construção de ideias e na condenação de personagens suspeitos nas histórias. O modo como as informações sobre a criminalidade são expostas na mídia e a repercussão que teve o caso Ônibus 174 nos inquietavam. Resolvemos buscar uma resposta para nosso problema de pesquisa: o jornal O Globo construiu um estereótipo de “bandido” no personagem central do caso Ônibus 174?

Nosso objetivo geral partia da ideia de verificar se o jornal O Globo construiu um estereótipo de “bandido” sobre Sandro do Nascimento Barbosa e qual a percepção do leitor em relação a isso. Para dar andamento à pesquisa, definimos objetivos específicos: – Estudar o conceito de jornalismo comparando a teoria com a prática exercida pelo jornal O Globo na cobertura das matérias; – Estudar os conceitos de estereótipo, violência e poder relacionando-os com a sociedade contemporânea; – Analisar a construção do sujeito Sandro pelo documentário Ônibus 174 comparando-a com a construção do mesmo pelo jornal O Globo; – Estudar o impacto do fato sobre o leitor a partir das duas mídias referidas (jornal O Globo e documentário).

As hipóteses inicialmente levantadas na pesquisa foram: – O jornal O Globo criou um estereótipo induzindo os leitores a julgarem Sandro como um bandido; – Os leitores confiaram que aquele estereótipo criado pelo jornal atendia à realidade; – O documentário Ônibus 174 desconstruiu esse estereótipo, e as pessoas se dão conta disso.

Para embasar o estudo, utilizamos como método-guia o fenomenológico-hermenêutico, que ajudou na desconstrução e análise das matérias de O Globo publicadas de 13 a 20 de junho de 2000. Selecionamos 29 matérias e 42 retrancas relacionadas diretamente ao assunto. Nesse mesmo período, contabilizamos mais 14 matérias relacionadas ao tema da violência, a partir do caso do Ônibus 174; no entanto, essas não entraram como *corpus* da pesquisa. A abordagem, na pesquisa, caracterizou-se como Qualitativa, e os procedimentos que a fundamentaram foram o Estudo de Caso, com 15 Entrevistas em Profundidade, submetidas à Análise do Discurso, buscando compreender a percepção dos entrevistados sobre o fato em estudo. O objetivo era ver as percepções dos entrevistados e as análises que fizeram das mídias em questão: O Globo e o documentário Ônibus 174. Utilizamos, também, uma breve Análise de Conteúdo, ao quantificar alguns dos conceitos empregados pelo jornal para a construção do estereótipo *bandido*.

As técnicas metodológicas foram utilizadas em arquitetura de “rede”. A soma de metodologias durante a pesquisa possibilitou a compreensão do pesquisador com

relação ao discurso utilizado pelo jornal, e a interpretação dos entrevistados sobre esse mesmo discurso. O processo partiu de três palavras-chaves: *jornalismo*, *violência* e *poder*, que sustentaram a fundamentação teórica da pesquisa.

As três palavras-chave introduziram e embasaram o desenvolvimento do trabalho acadêmico. Partimos das perguntas: “O que é jornalismo?” e, principalmente, “O que é jornalismo policial?”

Para transmitir a notícia, narrar fatos, encontrar a verdade, desconstruir e construir acontecimentos é preciso um jornalista. Ele apura a informação, interpreta-a, com isso, tem o poder de formar líderes de opinião e ser, ele mesmo, como categoria, um deles.

Para o jornalismo, perseguir a imparcialidade é fundamental. Karam (1997: 15) diz que “a diversidade de fontes que expresse a pluralidade social é indispensável para formar a compreensão do presente e permitir a invenção mais consciente no futuro”.

Bucci (2004: 50) observa porque é preciso mostrar os dois lados de uma mesma história. “(...) quando há dois lados que nela se enfrentam, é uma exigência ao mesmo tempo ética e técnica do jornalismo. Procurar a verdade dos fatos é um imperativo ético – é, também, o objetivo de toda a técnica jornalística”. Analisamos, assim como o autor, que mostrar os dois lados é dar voz aos sentidos, às histórias contadas pelo jornalismo.

Entender como o jornal O Globo contou a história de Sandro do Nascimento Barbosa é também entender como se dá a linguagem do jornalismo policial exposto nas páginas de jornais e de outros meios midiáticos e perceber se essa linguagem consegue ser imparcial e, conseqüentemente, dar voz a ambos os lados. E, como sabemos, desde Bakhtin (1995), que o discurso é polifônico, mencionar *ambos* passa a ser apenas recurso pedagógico.

O jornalismo policial é a soma da informação e da investigação. É uma das editorias mais antiga no jornalismo. Amaral (1986) esclarece que “antes do advento das faculdades de Comunicação, o repórter tinha duas alternativas ao chegar à redação: seção de esporte ou de polícia, campos de futebol ou delegacias. A seção de polícia, sobretudo, era considerada a escola” (Amaral, 1986: 85).

Além da credibilidade, as editorias de polícia carregavam a exploração do *fato policial*. Amaral explica: “O chamado fato policial ocorre com mais frequência em países onde as tensões sociais são mais acentuadas. A imprensa o que faz é utilizá-lo como informação que o público consome com avidez até o último parágrafo. As editorias policiais têm aumentado grandes tiragens” (1986: 87).

Lustosa (1996: 120) diz que a matéria policial que, às vezes, possui um “pessimismo texto” é sensacionalista. No jornalismo policial, são espelhados os grandes dramas humanos, as paixões e as tragédias”.

Os veículos de informação vão buscar nas delegacias e em distritos policiais “aquilo que é capaz de despertar a curiosidade e sentimentalidade fáceis dessas áreas

da população, transformando o que deveria ser simples registro em prato de resistência de suas páginas”. (Amaral, 1987: 91). O autor compreende que a exploração do fato policial e os abusos na linguagem se dão com maior frequência quando se referem a grupos específicos.

Esses abusos tornam-se mais graves ainda porque praticados, em sua maioria, contra pessoas humildes, representantes das classes sociais menos favorecidas, em geral operários e favelados sem atividade definida. A luta desenfreada em busca de publicidade, por parte de policiais menos responsáveis, e em busca de *furos* e sensação, por parte dos repórteres, gera toda uma máquina de insinuações malévolas e acusações falsas contra pessoas indefesas (1987: 92).

“Identificado como Sandro do Nascimento, o *bandido* teve um passado de menor de rua viciado em cola, que praticava furtos e assaltos em esquinas e sobreviveu à Chacina da Candelária, há sete anos” (O Globo, 14 de junho de 2000: 22). Fatos policiais narrados dessa forma são comuns quando se referem às classes menos favorecidas como apontou Amaral (1987: 92-93), “basta que a polícia detenha um suspeito, para que ele apareça como criminoso nas manchetes, como se alguém pudesse ser apontado como tal antes do julgamento final da Justiça”, prática que se repetiu no caso *Isabela Nardoni*<sup>2</sup>, em que os suspeitos foram “condenados” dois anos antes do julgamento.

Compreendemos que para dar prosseguimento à pesquisa e ao desenvolvimento do estudo, além de falar de jornalismo policial, precisávamos falar de sociedade e de como a prática da violência está nela inserida/disseminada. Falar sobre sociedade envolve interpretações, análises e diálogo. Definir violência em uma sociedade passa pela mesma complexidade. O que se entende, hoje, é que a sociedade cultiva mais o consumo do que os próprios valores éticos, morais e culturais. O *ter* tem maior destaque do que o *ser*. O indivíduo torna-se mais importante do que o coletivo. O modelo neoliberal preconiza a sustentação de bens materiais e banaliza as relações humanas e a própria violência.

Embora reconheçamos a sociedade democrática – em que os direitos devem ser iguais e o *ser* recebe valor de destaque – assistimos a uma instabilidade/reconfiguração do sistema de valores. A sociedade vislumbra a vulgarização da violência, da morte, da miséria. A não resistência, arquitetada no jogo político/ideológico, altera as regras básicas da convivência social. Quando as relações são enfraquecidas e o consumo supervalorizado, a violência se banaliza. Gauer (1999: 13), observa que ela designa constrangimento físico ou moral, utilização da força: transformar o sentido do que foi dito, “estabelecer o contrário do direito à justiça – que se baseia faticamente no dado, dar-se à ética –, negar a livre manifestação que o outro expressa de si mesmo a partir de suas convicções”.

Segundo Levisky (2000), a sociedade se diz democrática por se organizar a partir de normas, garantindo a todos, teoricamente, condições de igualdade. Na prática, essa “democracia” tem outro desenho. O que deveria ser, por direito, de todos, acaba monopólio de um grupo organizado que induz ao desrespeito e à humilhação, estopins para a violência moral e física. Essa violência, segundo o autor, se dá como “(...) fruto da ausência simbólica de pais, ou dito de outra forma, devido à falta de um sistema social efetivo e continente das angústias de seus integrantes” (Levisky, 2000: 20).

Percebemos, ao mesmo tempo, que a indiferença frente a atos violentos em uma zona vulnerável, por exemplo, acaba naturalizando a violência. Como se quem vive em determinado ambiente esteja condenado a “metabolizá-la” e ser violento.

De um modo paradoxal, os tempos atuais vivem uma violência ascendente. Gauer (1999) percebe que os ícones da violência massificada e vivenciada no último século – o extermínio em massa da população civil em Hiroshima; a intolerância às minorias étnicas; a brutalidade contra o sujeito, a fome, a exploração do ser humano, o consumo – entre tantas outras explorações – contribuem para um estado geral de indiferença.

Essa banalização pode ser observada na matéria do jornal O Globo, de 14 de junho de 2000, em que a manchete “Bandido era sobrevivente da Candelária”, referindo-se a Sandro do Nascimento Barbosa – envolvido no caso do Ônibus 174 – dá ênfase ao *bandido* e não à vítima de uma chacina. Notamos que o enfoque das matérias publicadas está relacionado diretamente a um “bandido” que sequestrou um ônibus em um bairro nobre da cidade do Rio de Janeiro. Não interessa o fato de ser um menino de rua que sobreviveu a uma das piores chacinas já registradas no Rio de Janeiro, a da Candelária, em que oito crianças e jovens foram assassinados em julho de 1993, por policiais. A mensagem subliminar que fica não é a do estigma. Tampouco merece destaque a marginalidade dos policiais, mesmo que um deles tenha matado a refém do caso com um tiro na cabeça. O texto induz a que os policiais estavam fazendo justiça e que o sobrevivente da Candelária, fatalmente, iria “revelar-se” poucos anos mais tarde. Também não há referência a crime quando se sabe que os policiais sufocaram Sandro na parte traseira do camburão, a caminho do hospital.

A matéria sequer insinua que o “bandido” em questão fora vítima de um sistema social perverso. A utilização de *sobrevivente da Candelária* mais serve como apoio para enfatizar que Sandro do Nascimento Barbosa era realmente um *bandido*, e estava condenado à carreira de delinquente, justamente por seu histórico, como se ser um ex-menino de rua, pobre que escapou de uma matança tivesse sido escolha deliberada.

A violência pode ser observada como um problema cultural e social. Pode também estar relacionada a um sistema de poder a ela intrinsecamente ligado. A violência vai muito além da criminalidade. Para Sudbrack,

A questão da distribuição da renda é fundamental para o estudo da violência brasileira. Com efeito, a miséria é hoje a chave que explica o fenômeno da eliminação física dos marginais e daqueles considerados como “inimigos da sociedade”, inclusive os meninos de rua (s. d., s. p.).

Para Marco Aurélio, blogueiro do site *Carta Maior*, as desigualdades na renda populacional trazem como consequência a violência.

No Brasil, os 10% mais ricos da população são donos de 46% do total da renda nacional, enquanto os 50% mais pobres – ou seja, 87 milhões de pessoas – ficam com apenas 13,3%. Somos 14,6 milhões de analfabetos, e pelo menos 30 milhões de analfabetos funcionais. Da população de 7 a 14 anos que frequenta a escola, menos de 70% concluem o ensino fundamental. Na faixa de 18 a 25 anos, apenas 22% terminam o ensino médio. Os negros são 47,3% da população brasileira, mas correspondem a 66% do total de pobres. O rendimento das mulheres é 60% do rendimento dos homens no mesmo posto de trabalho. No Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), enquanto o Distrito Federal apresentou um PIB per capita de R\$ 16.920 em 2003, o Estado do Maranhão ficou com apenas R\$ 2.354 anuais por pessoa. Esses números são mais do que suficientes para indicar o gigantesco desafio que o país enfrenta para dar conta dos problemas da violência, da segregação e da desigualdade social.

Além do mais, a sociedade contemporânea vive o paradigma da insegurança, do medo e da violência nas ruas. A banalização dessa violência assume um caráter de invisibilidade, quando se refere à insegurança nas ruas que cercam os grandes centros urbanos. Silva (1999: 41) aponta que as pessoas atribuem a culpa ao “menino de rua”. Segundo ele, esse menino de rua é caracterizado pela “Monstruosidade composta pelas clássicas diafanias que perpassam nossos devaneios sobre a infância, misturados aos horrores de que esses meninos aí soltos são capazes” (Silva, 1999: 41). Cria-se o estereótipo<sup>3</sup> do menino de rua, aquele que, certamente, vai se tornar um bandido no futuro de curto prazo.

Falar de menino de rua é falar de Sandro do Nascimento Barbosa. Dar-se conta do mecanismo que gera essa violência é a base para que a sociedade olhe para Sandro sob outro prisma, o social. Compreender a violência é o primeiro passo para dissolvê-la.

Para Sader (s. d., s. p.) os moradores de rua são os abandonados pela sociedade. O sociólogo critica a pobreza e a miséria como grande causa desse problema social.

(...) a miséria, a extrema pobreza, não se medem apenas por cifras, por nível de renda. Ao que precisamos chegar é a uma sociedade em que não existam mais pessoas abandonadas, sem amparo, nas ruas ou em outros lugares, privados ou públicos. Uma sociedade a que todos pertencamos, de uma ou outra forma, em que nos sintamos vinculados aos outros por laços de solidariedade, de espírito comunitário, de pertencimento a uma mesma sociedade. A miséria não é apenas uma situação de precariedade material, é também o abandono, a falta de apoio, de retaguarda, de cuidado. A isso temos que chegar, a que todos tenham alguma forma de assistência do Estado, de forma a que ninguém se sinta abandonado (Sader, s. d., s. p.).

Após falarmos de jornalismo e violência, nos detivemos em compreender o significado do poder, a partir do discurso – das palavras e do “lugar” de quem fala.

Bourdieu (2001: 15) diz que o que faz existir poder nas palavras e nas palavras de ordem “é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras”.

Aplicando a afirmação ao jornalismo, especificamente ao Estudo de Caso escolhido: caso Ônibus 174, podemos entender que a palavra *bandido* somente recebe a força de sentido que possui pelo poder de credibilidade que o enunciador tem.

Mancha, Alex, Sérgio ou Sandro. Os nomes e apelidos mudaram de acordo com a rotina da vida de quem viveu nas ruas do Rio. Identificado como Sandro do Nascimento, o *bandido* teve passado de menor de rua viciado em cola, que praticava furtos e assaltos em esquinas e sobreviveu à chacina da Candelária, há sete anos (O Globo, 14 junho de 2000: 22).

Quem enuncia? O jornal O Globo. Quem é O Globo? – Um dos jornais de maior prestígio no país, posicionando-se entre os três jornais com maior circulação nacional<sup>4</sup>.

A ênfase na utilização da palavra *bandido* e as outras características levantadas sobre Sandro possibilitam uma análise. Qual a intenção de O Globo quando apresentou o jovem como “o menor viciado em cola”? Reforçar o estereótipo do jovem menor de rua, que nasceu para ser “bandido” e cujo destino não poderia ser diferente?

### **Análise a partir de técnicas metodológicas**

O método é o guia do pesquisador. Por meio deles foi possível chegar a uma resposta. Em nosso trabalho, o que definiu a trajetória do estudo foi o *Fenomenológico-hermenêutico*, pois a pesquisa proposta busca olhar para o problema como um

fenômeno e queria compreender e descobrir o sentido do que estava posto por trás do texto, nas dobras (Foucault, 2002) o dito e o latente.

Para Silva (2006), a fenomenologia possibilita a busca de experiências, a vivência integral. É uma tentativa sistemática de compreender e descrever os significados das experiências vividas.

O mundo fenomenológico não é o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é, portanto, inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha (Merleau-Ponty, 1994: 18).

Assim, podemos afirmar que as experiências de cada indivíduo possibilitam que se ative o estereótipo de “bandido” quando o termo é lido no jornal diversas vezes, sem uma contextualização, análise ou justificção do fato que envolve a notícia. Para conseguirmos interpretar e desconstruir os estereótipos criados, decidimos justapor o método fenomenológico e o hermenêutico. Na investigação, propusemos fazer uma análise e também um processo hermenêutico, “quando a análise, como elucidação de conceitos ou de proposições, pretende desfazer preconceitos e mal-entendidos” (Paviani, 2009: 77).

Não é possível observar sem compreender. Toda percepção, como ponto de partida, descrita por Merleau-Ponty (1994) ou Maturana (1992), é de certo modo um movimento hermenêutico. (...) Perceber consiste na constituição de um mundo de ações. Por isso, uma explicação científica pode ser compreendida como uma interpretação do próprio ato de conhecer (Paviani, 2009: 84).

Esse método permitiu uma análise e interpretação das ideias colocadas nas matérias do jornal na época, desnudando a forma como elas induziram a um estereótipo. A hermenêutica é interpretação; portanto, a pergunta que se faz é: Que imagem o leitor cria quando lê a palavra bandido? Que intenção o jornal O Globo teve quando escreveu o adjetivo bandido três vezes em um mesmo parágrafo?

Para Van Manen (1990), a relação entre fenomenologia e hermenêutica é permeada pela natureza descritiva e interpretativa de ambos os métodos, o que os torna complementares. “A fenomenologia (como pura descrição da experiência vivida) e a hermenêutica (como interpretação da experiência utilizando algum ‘texto’ ou alguma forma simbólica)” (Van Manen, 1990: 25). A hermenêutica foi utilizada nessa pesquisa na desconstrução da imagem de Sandro do Nascimento Barbosa, criada nas matérias do jornal O Globo – em 2000 – e possibilitou a in-

interpretação da construção da imagem do mesmo rapaz pelo documentário *Ônibus 174*, de 2002.

Paviani (2009) destaca que a importância da hermenêutica está na crítica sobre o sujeito. “Desloca a prioridade do sujeito para a da linguagem” (Paviani, 2009: 85).

Essa relação entre os dois métodos, o hermenêutico e o fenomenológico, é esclarecida por Dartigues: “(...) a fenomenologia-hermenêutica deverá decifrar o sentido do texto da existência, esse sentido que precisamente se dissimula na manifestação do dado (...) não mais se contentando em ser descrição do que se dá ao olhar, mas interrogação do dado que aparece (1992: 132).

Van Manen (1990) observa de maneira positiva a união dos dois métodos. Entende-se que ambos pertencem às ciências humanas e nasceram na filosofia; portanto, ambos são flexíveis. Estudam as pessoas (e não os indivíduos), e se constituem em atividades, também, de escrita. Pesquisar e escrever pertencem ao mesmo processo.

Escolhemos realizar a pesquisa qualitativa, com entrevistas em profundidade e *focus group* (Estudos de Recepção, portanto) com leitores selecionados, e a análise quantitativa na busca de estereótipos desvelados nas matérias jornalísticas.

A opção pela pesquisa qualitativa se deu por tratar-se de um procedimento que evita os números, “(...) lida com interpretações das realidades sociais” (Bauer e Gaskell, 2002: 23), em sintonia com o método-guia. A pesquisa qualitativa oferece a possibilidade do trabalho subjetivo, com o qual foi possível mostrar o caso do *Ônibus 174* como um problema social passível de interpretação e análise a partir dos dados coletados e das entrevistas registradas, evidenciando desdobramentos importantes.

Já, a pesquisa quantitativa foi utilizada para poder contabilizar quantas vezes e em que contexto foi aplicada a palavra *bandido* nas matérias que pertencem ao estudo. Geramos gráficos que mostram a quantificação desses dados e, desta forma, permitem interpretar o que significa uma matéria referir 17 vezes o adjetivo *bandido*. Em busca da resposta utilizamos a interpretação e a técnica metodológica da Análise de Conteúdo.

Para Bardin (2000: 31), a Análise de Conteúdo “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. A autora afirma que “qualquer comunicação, isto é, qualquer transporte de significações de um emissor para um receptor controlado ou não por aquele, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo” (2000: 32). Para Orlandi (2010: 17), a análise de conteúdo “procura extrair sentido dos textos, respondendo à questão: o que este texto quer dizer?” Bardin afirma que

(...) a análise de conteúdo pode ser uma análise dos <<significados>> (sic) (exemplo: a análise temática), embora possa ser também uma análise dos <<significantes>> (análise léxica, análise de procedimentos). Por outro lado, o tratamento descritivo constitui um primeiro tempo do procedimento, mas não é exclusivo da análise de conteúdo (2000: 34).

Para seguir com o aprofundamento da pesquisa qualitativa, optamos pela Análise de Discurso (AD), centrando-nos na escola francesa (Pêcheux, 1988). Brandão (2012) lembra que para a AD, o uso da linguagem exige um saber linguístico de seus usuários e também “um saber que é exterior à língua que envolve aspectos histórico-ideológico-sociais, saberes adquiridos quer pela prática cotidiana, quer pela escolarização, saberes que o analista deve apreender em seus estudos” (Brandão, 2012: 21).

A autora entende a AD como formação discursiva, concepção que aponta para o conceito de heterogeneidade: “Uma formação discursiva está sempre em interação com outras formações discursivas em que vários discursos estão ora em relação de conflito, ora de aliança, e a linguagem é vista como uma arena de lutas” (2012: 22).

Para Pêcheux,

(...) o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma preposição, etc., não existe em si mesmo, isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante, mas ao contrário é determinada pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (...). Poderíamos resumir esta tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas (...) nas quais essas posições se inscrevem (Pêcheux, 1988: 160).

Dessa forma, pode-se analisar os discursos e conceitos expostos nas matérias publicadas em O Globo. Brandão (2012) diz que, para compreender o sentido do discurso, deve-se compreender “o contexto sócio-histórico-ideológico que envolve os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro e do objeto de que estão tratando” (2012: 23).

A análise foi peça fundamental na observação da construção do discurso e de uma ideologia não explícita. A imagem construída, e à qual o leitor atribui sentido (acaba por validar), cria associações entre o meio e as próprias experiências. “(...) a Análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como este texto significa?” (Orlandi, 2010: 17). O que será respondido “(...) não é ‘o quê’ mas o ‘como’. (...) Produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa” (Orlandi, 2010: 18).

Pêcheux faz uma observação quanto aos significados que uma mesma palavra pode ter. Uma palavra pode mudar o sentido, dependendo de quem a pronuncia.

(...) se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes (...) conforme se referirem a esta ou àquela formação discursiva, é porque uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria “próprio”, vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva (1988: 161).

Brandão (2012) completa dizendo que “a língua é indiferente às classes sociais, à ideologia, mas o discurso não o é. O falante utiliza a língua de acordo com sua posição social e ideológica” (2012: 26). Portanto, para continuar nossa análise do discurso de O Globo, decidimos desconstruir os textos a partir de cinco conceitos: *poder*, *estereótipos*, *ideologia*, *violência* e *ética*, fundamentados teoricamente. Com a estratégia foi possível perceber que o discurso construiu o estereótipo de um personagem a partir de ideologia e ética centradas em valores de uma sociedade capitalista, neoliberal e individualista, cujo poder está normalmente arraigado a um grupo com forte circulação política e econômica, e que leva ao desequilíbrio social e à violência. Para essa leitura, é preciso dispor-se a perceber “o dito e o não dito”.

Assim, fizemos uso de um Estudo de Caso Simples, que se estrutura a partir do jornal, com as matérias dos dias 13 a 20 de junho de 2000 referentes ao caso do Ônibus 174. Escolhemos esse periódico por sua circulação representativa em âmbito nacional, por se tratar de jornal radicado no local do episódio e, também, por sua credibilidade. Voltamos, portanto, a Pechêux quando destaca a importância do lugar de fala.

Para Martins (2008), a estratégia de pesquisa, utilizando o Estudo de Caso, permite que uma unidade social seja investigada profunda e intensamente.

Trata-se de uma investigação empírica que pesquisa fenômenos dentro de seu contexto real (pesquisa naturalística), onde o pesquisador não tem controle sobre eventos e variáveis, buscando apreender a totalidade de uma situação e, criativamente, descrever, compreender e interpretar a complexidade de um caso concreto. Mediante um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, problema da pesquisa, o Estudo de Caso possibilita a penetração na realidade social, não conseguida plenamente pela avaliação quantitativa (Martins, 2008: s. p.).

Para aplicar os procedimentos metodológicos anunciados, foram definidas as matérias a analisar e o espaço de: uma semana – matérias publicadas sobre o caso do dia 13 a 20 de junho de 2000. A escolha do período se deu pelo número alto de matérias relacionadas ao assunto e por se tratar de datas próximas ao fato. Com a

AD das entrevistas aplicadas aos leitores selecionados, queríamos entender o que o texto significa para quem o lê.

Para compreender o que o leitor entende a partir de um texto jornalístico, escolhemos duas estratégias do Estudo de Recepção: entrevistas em profundidade semiestruturadas, individuais, realizadas com 15 pessoas da cidade de Caxias do Sul, região nordeste do estado do Rio Grande do Sul e *focus group*, com os mesmos indivíduos.

Para Sierra (1998: 229), a entrevista em profundidade é um tipo de entrevista na qual o objeto de investigação está constituído pela vida – experiências, ideias, valores e estrutura simbólica do entrevistado. Dessa forma, observamos que a entrevista em profundidade era a mais adequada para a pesquisa sobre o caso do Ônibus 174. Quanto ao número de pessoas entrevistadas, 15, segundo Godoi e Mattos (2006), a escolha de participantes no estudo é competência do pesquisador, que tem flexibilidade com base no desenvolvimento teórico, caso seja necessário voltar a campo e ampliar o número de participantes ou aprofundar a conversação.

“Na entrevista, a participação do entrevistado e do entrevistador conta com expectativas explícitas: um de falar e o outro de escutar” (Valles, 1997: 180). As entrevistas foram gravadas, e o entrevistador, buscou fazer o mínimo possível de interferências.

Godoi e Mattos (2006) observam que há três modalidades principais de entrevista qualitativa: a) entrevista conversacional livre, sem necessidade de perguntas padronizadas, em que haja a possibilidade de questionamentos no contexto e conforme as interações naturais que possam ocorrer; b) entrevista baseada em roteiro, em que o entrevistador ganha flexibilidade para ordenar e formular as perguntas; c) entrevista padronizada aberta, caracterizada por abordar o problema em formato de questionário – uma lista será distribuída com perguntas iguais para todos os entrevistados, porém, com repostas abertas.

Optamos pela entrevista conversacional livre em que as perguntas básicas foram realizadas e para cada entrevistado outros questionamentos foram feitos de forma não padronizada, embora mantivéssemos o tema nuclear.

Essa etapa de pesquisa no campo dividiu-se em três momentos: a) os entrevistados foram questionados sobre as lembranças do caso do Ônibus 174. Qual a imagem que permanece de Sandro – rapaz que sequestrou o ônibus? O que lembram sobre o fato?; b) após a conclusão das falas, entregamos uma matéria do O Globo – “Bandido era sobrevivente da Candelária” (14 jun. 2000: 22) e verificamos se algo mudou. Analisamos se houve mudança de opinião, ou se o entrevistado deu maior ênfase aos estereótipos; c) o último momento caracterizou uma discussão em grupo (*focus group*), quando as 15 pessoas assistiram ao documentário *Ônibus 174* e falaram sobre suas percepções a partir do documentário apresentado.

Os selecionados para tais questionamentos foram homens e mulheres acima de 25 anos (os selecionados tinham acima de 25 anos para que pudessem lembrar do caso ocorrido há 12 anos reunindo condições, a partir disso, de emitir opinião).

Para selecionar os entrevistados, optamos pela técnica de sorteio. Buscamos uma lista de contatos com nomes de 10 pessoas em cada área selecionada na pesquisa: sociólogo, advogado, jornalista, agente penitenciário, trabalhador de fábrica, moradores de bairros, psicólogo, desempregados, estudantes de diferentes cursos, segurança de banco, líder sindical e comerciante.

No que diz respeito ao grupo focal, devemos evidenciar, com Barbour (2009), que “qualquer discussão de grupo pode ser chamada de um grupo focal, contanto que o pesquisador esteja ativamente atento e encorajando as interações do grupo” (Barbour, 2009: 21, apud Kitzinger e Barbour, 1999: 20). A técnica metodológica é definida, em diferentes correntes, como: entrevista de grupo; entrevista de grupo focal e discussão de grupo focal. A autora enfatiza a necessidade de um grupo selecionado estar reunido; a necessidade da presença de um pesquisador atento e disposto a conduzir os trabalhos e a existência de um tema/questão a discutir, ou seja: a questão focada na discussão.

No caso da pesquisa em análise, o grupo reuniu-se em uma sala ampla, onde pode dispor-se em círculo para a discussão e com condições técnicas de projeção do documentário. O encontro foi gravado em vídeo e analisado posteriormente.

## **Considerações finais**

Buscávamos analisar como o jornal O Globo desenhou a imagem do personagem Sandro do Nascimento Barbosa e se essa permaneceu no imaginário das pessoas entrevistadas. Resgatar um caso antigo e observar a memória presente era um de nossos objetivos ao selecionar o caso do *Ônibus 174*. O estudo permitiu que corroborássemos as hipóteses inicialmente levantadas. Concluímos que o jornal criou um estereótipo na tentativa de induzir os leitores a julgarem Sandro como bandido. No texto selecionado para análise com os entrevistados, a ênfase no fato de o rapaz ser um ex-presidiário, um “bandido perigoso” e um “viciado em cola” construiu a imagem de delinquente perigoso. O uso de adjetivos como sequestrador, viciado, perigoso, marginal também recebeu destaque. A palavra *bandido* foi utilizada 17 vezes na matéria. A hipótese de que, após a leitura, os entrevistados confiariam na imagem vendida pelo jornal, considerando que ela atendia à realidade, foi validada num primeiro momento. Os entrevistados não tinham registro claro do fato, embora lembrassem de Sandro como bandido. Imediatamente após a leitura da matéria selecionada, manifestaram incerteza e depois de assistirem ao documentário *Ônibus 174* (2002), apontaram o comportamento do jornal O Globo como tendencioso (com exceção de um).

A Análise do Discurso nos permitiu compreender que a palavra *bandido* ganha força em função da legitimidade de “autoridade” de quem a emite. Pêcheux (1988) e Bourdieu (2001) afirmam que quanto maior a credibilidade do emissor, maior destaque a palavra recebe.

A pesquisa relatada permitiu-nos um grande aprendizado. Pudemos, a partir dela, ampliar a reflexão sobre a importância do método para um trabalho acadêmico, vivenciando, também, o limite estreito que separa a resposta que o pesquisador busca nos fatos daquela que ele, em alguns momentos, já tem constituída. Bachelard nos ensina que, no procedimento científico,

(...) o objeto medido nada mais é do que um grau particular de aproximação do método de mensuração. O cientista crê no *realismo* da medida mais do que na *realidade* do objeto. O objeto pode, então, mudar de natureza quando se muda o grau de aproximação. (...) Quanto mais numerosas forem as relações do objeto com outros objetos, mais instrutivo será seu estudo (1996: 361).

A experiência mostrou-nos, da mesma forma, que o purismo na escolha de um método pode dar conta do problema que se quer investigar, mas que, na pesquisa em questão, a trama obtida com as técnicas metodológicas ancoradas nos princípios da fenomenologia e da hermenêutica permitiu o olhar acurado, a captura de pontos que, de outro modo, talvez não vislumbrássemos, mesmo que, intuitivamente, julgássemos que estavam lá, em algum lugar, por trás do texto. Pensamos com Bachelard quando diz que

(...) é o esforço de racionalidade e de construção que deve reter a atenção do epistemólogo. Percebe-se assim a diferença entre o ofício de epistemólogo e o de historiador da ciência. O historiador da ciência deve tomar as ideias como se fossem fatos. O epistemólogo deve tomar os fatos como se fossem ideias, inserindo-as num sistema de pensamento. Um fato mal interpretado por uma época permanece, para o historiador, um *fato*. Para o epistemólogo, é um *obstáculo*, um contra-pensamento (Bachelard, 1996: 22).

A teoria preconiza o distanciamento entre o pesquisador e o tema/problema de pesquisa, em nome da isenção, da objetividade e da ciência. A busca cuidadosa do método, a escolha de diversas técnicas metodológicas, serviu para que “decan-tássemos” a análise com cuidado sem que, no final, nos causasse incômodo ter escolhido como tema, um problema que pulsava em nós. Afinal, como diz Certeau (2000: 110), “um discurso manterá (...) uma marca de cientificidade explicitando as condições e as regras de sua produção e, em primeiro lugar, as relações de onde nasceu”.

Este trabalho nos mostra que a pesquisa não dispensa a paixão, apenas exige ética, cuidado e cientificidade, que nem sempre precisa ser traduzida em padronização ou fórmulas. Trabalhar com método, academicamente, significou ouvir o que os fatos tinham a contar, antes de qualquer passo, buscando despi-los de

preconceitos, ao mesmo tempo em que, para o encontro, buscávamos, nós, despir-nos dos nossos. A tarefa é difícil, mas o método mostrou-se guia fundamental na caminhada.

Marlene Branca Sólito  
Professora-pesquisadora na Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Caroline Dall'Agnol  
Jornalista e mestranda na Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Recebido em janeiro de 2014.

Aceito em maio de 2014.

### Notas

1. Usamos aspas na palavra bandido quando a aplicamos com sentido figurado e itálico quando a intenção era destacá-la.
2. Isabella de Oliveira Nardoni, 5 anos, foi arremessada de uma das janelas do apartamento onde moravam seu pai e a madrasta, em 29 de março de 2007.
3. Usamos o termo estereótipo no sentido do preconceito que a sociedade cria quando se refere a meninos de rua, “para fazer referência à imagem por demais generalizada que se possui de um grupo ou dos indivíduos que pertencem a um grupo” (Pereira, 2002: 43).
4. “Líder absoluto nas classes A e B, é um jornal que leva para os leitores muito mais do que informação. O Globo apoia projetos culturais e educacionais, além de ter um time de colunistas que reforçam a pluralidade e contribuem para que o leitor forme sua própria opinião, pois tem acesso ao que há de melhor em conteúdo. É um dos de maior prestígio do país, estando entre os três de maior circulação”. Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/anuncie/institucional.aspx>>. Acesso em: 22 de set. 2012. De 2003 a 2007, foi classificado como o 2º com maior circulação diária. Em 2008, passou à 4ª posição, e em 2011, ficou com a 5ª (256.259 exemplares de circulação paga ao ano). Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em: 22 de set. 2012.

### Referências

- AMARAL, Luiz. *Jornalismo: matéria de primeira página*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Técnicas de jornal e periódico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.
- BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. 8ª impressão, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.
- BARNOUR, Rosaline. *Grupos focais*. São Paulo: Bookman/Artmed, 2009.

- BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. Conceitos e fundamentos: enunciação e construção do sentido. In: FIGARO, Roseli. *Comunicação e análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 19-43.
- BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DARTIGUES, A. *O que é fenomenologia?* 7. ed. São Paulo: Centauro, 1992.
- GAUER, Ruth M. Chittó. Alguns aspectos da fenomenologia da violência. In: \_\_\_\_\_ e GAUER, Gabriel J. Chittó (Orgs.). *A fenomenologia da violência*. Curitiba: Juruá, 1999. p. 13-34.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- GODOI, Christiane Kleinübing e MATTOS, Pedro Lincoln C.P. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: GODOI, C. K.; MELLO, Rodrigo Bandeira de e SILVA, Anielson Barbosa da (Orgs.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigma, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 301-323.
- KARAM, Francisco José. *Jornalismo, ética e liberdade*. São Paulo: Summus, 1997.
- KITZINGER, J. e BARBOUR, R. S. Introduction: the challenge and promise of focus group discussions. In: BARBOUR, R. S. e KITZINGER, J. (Eds.) *Developing focus group research: politics, theory and practice*. London: Sage, 1999. p. 1-20.
- KLINENBERG, Eric. Les journalistes à tout faire de la presse américaine. *Le Monde Diplomatique*, fev. 1999, p. 7.
- LEVISKY, David Léo. Aspectos do processo de identificação do adolescente na sociedade contemporânea e suas relações com a violência. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Adolescência e violência: conseqüências da realidade brasileira*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 19- 34.
- LUSTOSA, Elcias. *O texto da notícia*. Brasília: Edit. da UnB, 1996.
- MANEN, Van. *Researching Lived Experiences: human science for an action sensitive Pedagogy*. New York: Sunny Press, 1990.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. *Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: M. Fontes, 1994.
- O Globo. <<https://www.infoglobo.com.br/anuncie/institucional.aspx>>. Acesso em: 22 de set. 2012.
- O Globo. <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em: 22 de set. 2012.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 9. ed. Campinas: Pontes, 2010.
- PAVIANI, Jayme. *Epistemologia prática: ensino e conhecimento científico*. Caxias do Sul: Educus, 2009.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Unicamp, 1988.
- PEREIRA, Marcos Emanuel. *Psicologia social dos estereótipos*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 2002.

SIERRA, F. Función y sentido de La entrevista cualitativa em investigación social. In: CÁCERES, L. J. G. (Coord.). *Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación*. México: Prentice Hall, 1998.

SADER, Emir. País sem miséria é país sem pessoas abandonadas. Disponível em: <[http://www.cartamaior.com.br/templates/postMostrar.cfm?blog\\_id=1&post\\_id=715](http://www.cartamaior.com.br/templates/postMostrar.cfm?blog_id=1&post_id=715)>. Acesso em: 5 set. 2012.

SILVA, Anielson Barbosa da. A fenomenologia como método de pesquisa em estudos organizacionais. In: \_\_\_\_\_; GODOI, Christiane Kleinübing e MELLO, Rodrigo Bandeira de (Orgs.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigma, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 267-298.

SILVA, Hélio R. S. A língua geral da violência. In: GAUER, Gabriel J. Chittó e GAUER, Ruth M. Chittó (Orgs.). *A fenomenologia da violência*. Curitiba: Juruá, 1999. p. 37-46.

SUDBRACK, Umberto Guaspari. *Extermínio de meninos de rua no Brasil. Análise interdisciplinar do fenômeno de extermínio entre 1985 e 1995*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v18n1/22223.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2012.

VALLES, M. S. *Técnicas cualitativas de investigación social: reflexión metodológica y práctica profesional*. Madrid: Síntesis, 1997.

## **Resumo**

O artigo analisa a importância da consistência do método na pesquisa científica, a partir de estudo do *Caso do ônibus 174* (Rio de Janeiro em 2000). Analisamos como o jornal O Globo construiu um estereótipo de *bandido* do personagem Sandro do Nascimento Barbosa. Três hipóteses foram trabalhadas. A primeira, assegura a criação do estereótipo pelo jornal, induzindo ao julgamento do personagem como bandido; a segunda, postula que os leitores, confiaram que o estereótipo atendia à realidade, e a última afirma que o documentário *Ônibus 174* (2002) desconstrói esse estereótipo. Utilizamos como método-guia o fenomenológico-hermenêutico, com apoio do Estudo de Caso, da Análise do Discurso, das Entrevistas em Profundidade e do *Focus Group*. O resgate mostrou que o jornal criou um “bandido perigoso” e que sua imagem ganhou força na mídia pelo episódio do Ônibus 174 e não por sua história de vida.

## **Palavras-chave**

Journalismo. Violência. Método. Técnicas metodológicas.

## **Abstract**

*Scientific Method: importance of consistency in the research development*

The article analyzes the importance of consistent method in scientific research, based in the study of the *174 bus case* (Rio de Janeiro in 2000). We analyze how the newspaper O Globo has built with his speech a stereotype of “villain” of the case’s protagonist. Three hypotheses have sought to answer the question. The first ensures the creation of the stereotype leading readers to judgment of the character as a villain, the second posits that readers trusted in the stereotype created and the latter says that the documentary *174 bus* (2002) deconstructs the stereotype. Method used is guide phenomenological-hermeneutic, with the support from methodological techniques Case Study, Discourse Analysis, In-Depth Interviews and Focus Group. The rescue showed that the newspaper has created a “dangerous criminal” and that he had gained momentum in the media from the criminal act and not from his life history.

## **Keywords**

Journalism. Violence. Method. Methodological techniques.